



**PERSEGUIÇÃO INQUISITORIAL AOS CRISTÃOS-NOVOS EM SERGIPE  
COLONIAL: INDÍCIOS DO CRIPTOJUDAÍSMO EM SERGIPE.**

<sup>1</sup>Esp. Priscilla da Silva Góes  
<sup>2</sup>Dr. Marcos Silva (Orientador)

Grande parte das pessoas que fugiam das atrocidades cometidas pela Inquisição na Península Ibérica era de cristãos-novos refugiados na região que hoje compreende o nordeste brasileiro, onde acabaram deixando suas marcas, seus costumes. Muitos cristãos-novos eram seguidores da religião oficial para não serem vítimas do Tribunal da Inquisição em suas visitas ao Brasil, porém, no interior dos seus lares, tinham práticas da religião mosaica. Quando havia denúncias de que alguns desses cristãos-novos estavam apresentando hábitos da sua antiga religião, elas eram encaminhadas ao Tribunal da Inquisição. Este artigo tem como objetivo levantar questões acerca da possível influência de costumes judaicos no Estado de Sergipe, assim como ocorreu em outros estados nordestinos, pois, observando práticas de algumas cidades sergipanas e comparando-as com as de outras regiões brasileiras que possuem influências culturais dos cristãos-novos, podemos deduzir uma presença, de fato, marcante desses povos em Sergipe, a qual foi capaz de deixar traços na vida das pessoas, que existem até hoje, e muitos desconhecem como tais costumes foram herdados. Este estudo será feito com base principalmente nos escritos “Etnias Sergipanas: Contribuição ao seu Estudo de Felte Bezerra”; do professor Luiz Mott “A Inquisição em Sergipe: do século XVI ao XIX”, diversos textos da professora Anita Novinsky e do professor Marcos Silva, além de entrevistas.

**Palavras – chave:** Cristão-novo, criptojudaísmo, inquisição.

Sendo a religião segundo Durkheim (2008) *um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem*, percebemos na criação do Tribunal do Santo Ofício a tentativa de trazer um zelo de pureza à religião católica, observado para de que seus fiéis não se “contaminassem” com ideias ou costumes contrários as suas tradições. A essa busca pela preservação da religiosidade, podemos observar o combate às “heresias”. Como no campo religioso, ainda segundo Durkheim, a dualidade entre o sagrado e o profano é recorrente, poderíamos entender a permanência da Inquisição por tanto tempo como a tentativa, de uma religião que tinha por pretensão tornar - se universal, de abolir o que era considerado “profano”, do meio dos seus fiéis.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe (2006), pós-graduada em “Educação e Patrimônio Cultural em Sergipe” pela Faculdade Atlântico (2008), é mestranda em Ciências da Religião – PPGCIR-UFS e integrante do grupo de estudos “Diáspora Atlântica dos Sefarditas”.

<sup>2</sup> Professor adjunto do departamento de História da Universidade Federal de Sergipe; professor do Mestrado em Ciências da Religião - PPGCIR-UFS e coordenador do grupo de pesquisa “Diáspora Atlântica dos Sefarditas”.



**ANAI ELETRÔNICOS**  
**1ª EDIÇÃO**  
**SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS**  
**CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA**

As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que essas mantêm entre si com as coisas profanas. Enfim, os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas. (Durkheim, 2008;72)

Burlar as regras de comportamento no mundo onde a intransigência inquisitorial dominava, poderia levar o indivíduo a duras penas. Ao acusado era dada a oportunidade de confessar seus atos, caso não o fizesse, o julgamento prosseguia, podendo vir a tortura de diversas formas e, ao final do processo, a sentença, que variava a depender do “delito”: Confisco de bens, degredo, galés, uso do hábito penitencial e, a pior de todas, quando o réu era “levado ao braço secular”, que era a morte pela fogueira. Porém havia dois tipos de mortes. Se houvesse arrependimento por parte do réu, ele era garroteado<sup>3</sup> e depois queimado. Caso não se arrependesse era queimado vivo.<sup>4</sup> Toda sentença era lida em praça pública nos chamados “autos de fé”, para que a sociedade ficasse ciente do que aconteceria caso desobedecessem.

Para garantir a eficácia do Tribunal, foi feito um manual para que os inquisidores seguissem o *Diretorium Inquisitorum*, Manual dos Inquisidores, onde constam as questões referentes à prática do Santo Ofício em toda sua dimensão: A prisão, os processos, o interrogatório, a tortura, dentre outros.

Os valores criados pela Igreja Católica e que foram assegurados pelo Estado (nos países católicos) chegaram também no Brasil, pois este era Colônia de Portugal, país onde ocorreu um dos mais terríveis tribunais da Inquisição.

Em Portugal, a Inquisição foi estabelecida no ano de 1536, sob o reinado do rei D. João III, com o objetivo de conter as heresias contra a fé católica. Era liderada pela Igreja e Estado, e durou quase três séculos (Novinsky, 2009). A tarefa dos inquisidores era ir de encontro aos que tivessem cometido delitos em questões de crença.

Os crimes mais comuns perseguidos pelo Tribunal do Santo Ofício eram os acusados de sodomia, práticas judaizantes, bigamos e acusados de bruxaria.

Trataremos então, a partir de agora, de um dos “delitos” considerados mais graves pelo Santo Ofício, as práticas judaicas. Trataremos especificamente de questões relativas ao Brasil Colonial, em especial, em Sergipe Del Rey. Tentaremos mostrar também como alguns cristãos

---

<sup>3</sup>Garrotear: Esganar usando um garrote.

<sup>4</sup>Sobre as formas de torturas e sentenças aplicadas pela inquisição ver: CIDADE, Rodrigo Ramos Amaral. **Direito e Inquisição, o processo funcional do Tribunal do Santo Ofício**. 5ª ed. Curitiba: Juruá, 2009; págs. 87 e 88.



- novos<sup>5</sup> tentaram seguir sua fé, mesmo indo de encontro a religião oficial, e, como a resistência religiosa passou a ser camuflada em questões do cotidiano da sociedade brasileira.

## **Metodologia**

Tendo em vista a carência de estudos sobre os cristãos-novos em Sergipe, foi necessário “garimpar” os indícios dessa presença no referido Estado. Assim sendo, faz-se necessário compreender que esse estudo tem sido feito atentando-se às minúcias nele existentes e que dizem respeito à história do povo sergipano. Segundo Ginzburg (1989: 144), “[...] é preciso não se basear como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto, mais facilmente imitáveis [...], é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados [...]”.

No estudo desta temática foi de grande relevância o auxílio da história oral, pois, por meio do modo de vida das pessoas do interior sergipano, é possível examinar os indícios de costumes marranos no referido Estado. Justifica-se o uso de tal metodologia de pesquisa, tendo em vista que,

Outros campos nos quais a história oral pode se útil são a história do cotidiano (a entrevista de história de vida pode conter descrições bastante fidedignas das ações cotidianas); a história política, entendida não mais como História dos “grandes homens” e dos “grandes feitos”, e sim como estudos das diferentes formas de articulação de atores e grupos de interesse; o estudo de padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexos, profissões, religiões, etc. [...] (Alberti, 2006: 166).

Além disso, a utilização da história oral nos remonta à reconstituição da memória, o que é fundamental para o trabalho com o cotidiano da população sergipana, para que possamos verificar os sinais do marranismo<sup>6</sup>. De acordo com Alberti (2006: 167),

[...] o trabalho com a história oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada a construção de sua identidade. Ela [A memória] é

---

<sup>5</sup>Judeus convertidos ao catolicismo.

<sup>6</sup> A palavra “marrano” significa porco, animal considerado imundo para a religião judaica e muçumana. Os judeus, assim como os árabes na península ibérica, passaram a ser chamados pejorativamente dessa forma. Com o tempo, esse termo passou a ser atribuído a todo judeu que, embora não desejasse se converter ao catolicismo era obrigado a confessar em público a fé católica, mas, por outro lado, acabava realizando, secretamente, os ritos judaicos em seu lar. Para outros, no entanto, o termo seria de origem hebraica com influência ibérica e significa “homem batizado à força”. Há também a denominação “anussim”, palavra de origem hebraica, que significa “forçado” (SILVA, 2008).



resultado de um trabalho de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou sociedade como um todo.

A história oral nos permite perceber o que há nas entrelinhas da memória, em detrimento dos eventos privilegiados da história oficial. Assim como todas as fontes, ela não representa a reconstituição fidedigna da história, necessitando de interpretação por parte do pesquisador e confronto com outras fontes.

### **Os cristãos – novos no Brasil Colonial**

Com relação à vinda de cristãos novos para o Brasil colônia, a historiadora Anita Novinsky (2007) ressalta que o rei de Portugal, D. Manuel, arrendou parte do Brasil a um grupo de judeus convertidos para explorar economicamente a Colônia. Inicialmente, o governo implantado na figura de Tomé de Souza, demonstrava maleabilidade quanto ao comportamento religioso dos colonos. Porém, a partir do estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício em Portugal, cresceu o número de pessoas que, tentando escapar do julgamento inquisitorial, vinham para esta terra.

Grande parte daqueles que fugiam das atrocidades cometidas pela Inquisição na Península Ibérica era de cristãos-novos, refugiados na região que hoje compreende o nordeste brasileiro, no qual acabaram deixando suas marcas, seus costumes. Muitos cristãos-novos eram, para a sociedade, seguidores da religião oficial, a fim de não serem vítimas do Tribunal da Inquisição em suas visitas ao Brasil, porém, no interior dos seus lares, seguiam os ritos da religião mosaica. No entanto, quando havia denúncias de que alguns desses cristãos-novos estavam apresentando hábitos da sua antiga religião, elas eram encaminhadas ao Tribunal da Inquisição, que veio algumas vezes para o Brasil com o intuito de perseguir, dentre outras acusações, aqueles que apresentavam hábitos judaicos.

Segundo o artigo de Odair José T. de Araújo, “Modernidade e novas formas de religiosidade”, observamos bem a ideia defendida por Durkheim sobre questões relativas ao “sagrado” a “profano”,

(...) os indivíduos em coletividade, num clima de religiosidade, criam um conjunto de valores, sentidos, significados e símbolos que passam a direcionar



**ANAI ELETRÔNICOS**  
**1ª EDIÇÃO**  
**SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS**  
**CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA**

as suas condutas. A partir da adesão, aceitação e prática de tais valores, torna-se possível perceber fatores comuns entre os membros de um mesmo segmento religioso, o que acaba por se transformar em um dos elementos indicadores de sua identidade. (Araújo, 2003: 5 e 6)

Devido a perseguição, os judeus convertidos e que não aceitavam de fato o catolicismo, buscavam preservar na medida do possível sua religiosidade. Para isso, criaram meios para manifestarem sua religiosidade, mesclando-a com os fazeres do cotidiano e, aos poucos, tais hábitos passaram a serem incorporados culturalmente. Assim como expressa Novinsky,

O judaísmo, de que foram acusados os cristãos-novos, constituía em seguir os costumes e rituais tradicionais da religião judaica. As práticas que aparecem na colônia com mais frequência são ‘guardar os sábados, não comer carne de porco, fazer jejum no chamado dia grande do perdão, colocar roupa limpa nas camas e mesas nas sextas – feiras à noite, vestir as melhores roupas nos dias santificados e enterrar seus mortos segundo ritual judaico’. (Novinsky, 2007: 78)

Como aponta Luis Alberto Barbosa (2006) em sua dissertação de mestrado “Resistência Cultural dos judeus no Brasil”, a vivência dos judeus da Diáspora era uma cultura de resistência perante os povos com os quais se relacionavam. Em determinadas épocas, foram aceitos, em outras, perseguidos e, para fugirem das perseguições, era necessário, muitas vezes, recorrer a camuflagens nos territórios pelos quais passavam.

Em determinados lugares e épocas, puderam vivenciar abertamente a sua identidade; em outros, tiveram que se adaptar para poder sobreviver. Foi o que aconteceu com os judeus da Península Ibérica, chamados de cristão novos ou marranos, que adotaram a religião cristã, mas mantiveram também os elementos de sua própria cultura judaica. Ao mesclarem elementos destas duas culturas, estes judeus passaram a serem olhados com reserva e cautela por ambas as partes. Passaram a ser tratados como seres no limbo, nem cristãos, nem judeus, tendo que encontrar meios de resistência que lhes permitissem viver neste ambiente fronteiriço. (Barbosa, 2006: 37)

### **Os cristãos-novos em Sergipe**

A colonização sistemática do território sergipano pelos europeus aconteceu a partir de 1590, com Cristóvão de Barros, sendo esta, uma capitania ligada à Bahia. Estando a história de Sergipe conectada com Portugal a partir disso, a questão da invasão holandesa ao Brasil mudou sensivelmente a vida na capitania. Muitos judeus aproveitaram a liberdade religiosa concedida



pelos holandeses e fugiram de Portugal, já que os holandeses, por serem de uma nação calvinista, recebiam os judeus, permitindo que praticassem sua religião<sup>7</sup>.

Quando os holandeses foram expulsos da Bahia, passaram por Sergipe, deixando suas marcas. Conquistar Sergipe, era de certa forma, garantia de posse da Colônia, pois esta terra representava a mais importante via de comunicação entre as capitânicas Bahia e Pernambuco, que era a maior produtora de cana-de-açúcar. A região foi disputada tanto por holandeses quanto por portugueses, pois seus pastos garantiam o abastecimento das tropas. (NUNES, 2006: 85 e 86)

O fato do nordeste brasileiro ter abrigado cristãos-novos, muitos dos quais buscaram preservar traços de sua religião de forma velada, faz-nos refletir se o caso sergipano foi ou não diferente do restante da Colônia.

De acordo com o antropólogo Felte Bezerra (1984) podemos encontrar indícios de presença judaica no interior sergipano, como no caso da cidade de Cedro de São João. Ele ainda ressalta a presença dos ciganos nessa região. De acordo com o autor, a denominação “cigano” poderia ser dada também a pessoas que possuíam vida nômade. Poderíamos então questionar se a presença dos ciganos nesse território era de ciganos no sentido étnico, ou se correspondia aos judeus:

Há uma forma lendária pela qual costumam explicar a origem dos cedreiros. Fora um grupo de ciganos (?) que se refugiara a princípio em uma das ilhas do São Francisco, naquelas proximidades, de onde se teriam dirigido para o município do Cedro. Alguns, que indicam a ilha fluvial como sendo a Ilha do Ouro, próximo à cidade de Porto da Folha, querem assim estender a mesma origem para os habitantes alourados desta última cidade. Não parece, contudo, que o episódio, se porventura verídico, deva ser generalizado. A designação de CIGANO, entre nós, tem mais um sentido cultural do que étnico, traduz vida nômade e sustentada por trocas e barganhas. Terá, por ventura, nos tempos coloniais, tido outra significação? A propósito, no Livro das Denúncias de D. MARCOS TEIXEIRA está citada uma Joana Ribeiro, a CIGANA, moradora em Sergipe del Rei, que é apontada como israelita.  
[...]

A questão semita merece ser lembrada na formação do sergipano. A penetração judaica na Península Ibérica, e mais especialmente em Portugal, foi notável durante largo período de sua história. A perseguição religiosa, impotente para exterminar, pela expulsão, os elementos de origem israelita, proporcionou, ao

---

<sup>7</sup>"Olinda era uma cidade virtual de cristãos-novos, mas na realidade era de judeus", afirma o arquiteto José Luiz Menezes, responsável pelo projeto de restauração da sinagoga. Existiam na época perto de 5 mil judeus em Pernambuco. "É indiscutível a contribuição deles para o desenvolvimento da Colônia e para a consolidação da economia do açúcar", destaca Menezes. Com a invasão holandesa, em 1630, os judeus passaram a desfrutar de liberdade religiosa - a Holanda era uma nação calvinista e recebia sem preconceito religioso, grandes contingentes de judeus perseguidos. (disponível em: <http://epoca.globo.com/especiais/500anos/esp990816.htm>. Acesso em 07/07/2009).



oposto, a permanência ética desses mesmos elementos, que pelo disfarce de nomes e abjuração, ao menos aparente, de suas crenças lograram se implantar em definitivo na massa do povo lusitano (BEZERRA, 1984, p. 85-89).

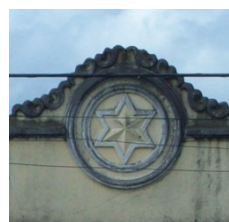
Outro fator que chama a atenção tanto na cidade de Cedro de São João, quanto na cidade de Porto da Folha, é a presença da estrela de Davi<sup>8</sup> na platibanda, parte mais alta da fachada de algumas casas. Segundo Silva (2009):

O interessante é observar os adornos com que são decoradas as platibandas das casas e prédios públicos pelo Nordeste afora. Especialmente nos prédios públicos são esculpidos símbolos diversos e nos casarios a ornamentação pode funcionar também como um indicativo de distinção.

[...] além de revelarem o gosto dos que adornaram suas casas, as platibandas também guardam um interesse histórico e identitário. No primeiro caso, porque transmitem uma “aparência portuguesa” e, muitas vezes, trazem a data da construção esculpida e, no segundo caso, porque através de signos esculpidos, indicam algo da cultura de seus primeiros proprietários.



**Foto 1**<sup>9</sup>



**Foto 2**<sup>10</sup>



**Foto 3**<sup>11</sup>



**Foto 4**<sup>12</sup>

<sup>8</sup> A estrela de Davi ou escudo de Salomão é um símbolo atribuído ao povo hebreu desde a Antiguidade.

<sup>9</sup>Foto 1: Casa na cidade de Cedro de São João - SE. Acervo do Grupo de Estudos sobre o Marranismo (GEM) da Universidade Federal de Sergipe, atual Grupo Diáspora Atlântica dos Sefarditas.

<sup>10</sup>Foto 2: Detalhe da casa na cidade de Cedro de São João - SE: A estrela com seis pontas. Acervo do Grupo de Estudos sobre o Marranismo (GEM) da Universidade Federal de Sergipe, atual Grupo Diáspora Atlântica dos Sefarditas.

<sup>11</sup>Foto 3: Casa na cidade de Porto da Folha – SE. Acervo particular.

<sup>12</sup>Foto 4: Detalhe da casa na cidade de Porto da Folha – SE: A estrela com seis pontas. Acervo particular.

Ao voltarmos o nosso olhar para uma pequena cidade sergipana conhecida como Cedro de São João, alguns aspectos da vida dessa comunidade nos chamaram a atenção. De acordo com Bezerra (1984:85), há um resíduo de sangue flamengo nessa região, e estes, por sua vez, fazem a endogamia e gozam a fama de uma origem cigana. Nas entrevistas realizadas pelo GEM na referida comunidade, observamos que a memória coletiva vem a corroborar com o que diz o estudioso a respeito dessa origem cigana.

[...] a nossa etnia que deu a nossa raça ou origem, foi do povoamento aqui de Cedro e cidade hoje circunvizinhas através dos holandeses que subiram o São Francisco desde a cidade do forte de Maurício Nassau conhecido como atual Penedo, este povo ao chegar a cidade de Propriá se localizarem em um alto que deram o nome de Alto do Urubu, mais lá não tinha muita cultura, não tinha ainda terra fértil para o sustento, a manutenção desse povo, começaram para se deslocarem para vários setores, por exemplo, começaram a sair de Propriá, holandeses, ciganos, raça amarela subiram aqui, vinham margeando o riacho do Jacaré mais nos tínhamos antes do ano sessenta e quatro mais ou menos mil novecentos já existia essa várzea chamada “várzea de Cedro” que periodicamente ela enchia com o São Francisco [...].<sup>13</sup>

Diante das pesquisas feitas sobre o povoamento dessa cidade, encontramos o nome de Antônio Nunes, que teria sido o primeiro “cigano” em Cedro. Porém, devemos nos perguntar se ele era realmente de origem cigana ou um “aciganado”. De acordo com Bezerra (1984: 90), o sobrenome Nunes é apontado como sendo de origem judaica.

Outra entrevista que muito contribuiu para nossa pesquisa foi a realizada com o senhor Luiz Ferreira Gomes, de 82 anos, residente na cidade de Rosário do Catete, quando fala sobre o seu avô, que era português, e veio para Sergipe fugido, porque lá (Portugal) estava havendo muita perseguição. O entrevistado contou que seu avô precisou mudar de nome, construiu um cemitério na cidade de Santo Amaro e casou-se com uma cigana, observe:

A família do meu pai e do meu avô, Manuel Gomes da Graça era do município de Maruim, dos Oiteiros. Agora, a minha mãe (os Ferreira), é de Santo Amaro e meu pai é de Rosário do Catete.

O que aconteceu foi o seguinte: [...] o português tratou logo de fazer um cemitério e uma igreja, no terreno dele. Quando ele morreu, um tirou uma parte, outro tirou outra [...].

Quando eu vi a escritura, foi que eu descobri que o nome de meu avô era Francisco Bandeira de Melo. E daí eu me perguntei: “porque o nome dele era ‘de Melo’ e os descendentes ‘Ferreira’?”

---

<sup>13</sup> Dados da entrevista do senhor Eronildes da Rocha, seu Shell. Pesquisa de Campo realizada em Cedro de São João em 13 de Agosto de 2008





**ANALIS ELETRÔNICOS**  
**1ª EDIÇÃO**  
**SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS**  
**CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA**

Minha filha quando esteve em Portugal, esteve conversando e disseram a ela que esse “Bandeira de Melo” era lá do norte de Portugal e lá prece que eles eram perseguidos e fugiam para cá para não terem problemas.

Ora, a mudança de nome era algo comum aos cristãos-novos, pois eram obrigados a adotarem nomes cristãos. Outro ponto interessante na fala do senhor Luiz Ferreira Gomes diz respeito ao fato de seu avô ter construído um cemitério para sua família (onde, ainda hoje, seus parentes são enterrados), pois é sabido que os cemitérios ficavam sob a proteção da igreja católica. Outro fator interessante são os sobrenomes dos seus familiares sobre os quais comenta e que são todos atribuídos a cristãos-novos. Além disso, por que esse português teria casado com uma cigana? Será que a avó do nosso entrevistado era realmente uma cigana, ou uma “aciganada”?

### **Considerações finais**

A importância da reunião comunitária para o religioso é algo primordial para a manutenção de suas práticas. Para o judeu, o elemento precioso da reunião coletiva, imprescindível a qualquer religião, fora negado. Aos que consentiram em adotar o catolicismo, devido ao autoritarismo religioso nos séculos em que o Tribunal do Santo Ofício atuou, as práticas da vida religiosa judaica sofreram mudanças para tentar se adaptar. Tais práticas, às vezes continuavam acontecendo, na medida do possível, às escondidas. Camuflar sua fé para não ser alvo da religião oficial era o que ocorria no Brasil Colonial com relação a muitos cristãos novos. Porém, mesmo os que procuravam viver sob os auspícios do catolicismo, sempre havia a desconfiança, já que sua ascendência era judaica.

Entender como o processo de assimilação ocorreu em Sergipe é uma tarefa complexa, porém possível, pois, como demonstramos, há vários vestígios de um passado de cristãos-novos no Estado.

O estudo sobre os cristãos-novos em Sergipe ainda é insuficiente, pois pouco foi escrito sobre o tema. Faz-se necessário, portanto, o olhar de pesquisadores para essa temática, pois, provavelmente, muito do modo de vida sergipano foi influenciado pelos judeus que viveram nesse território.

Assim, como afirma a historiadora Anita Novinsky,



Para escrever uma história total do Brasil, como proposta pelos historiadores modernos, é necessário que tomemos como referência o grupo marrano e tentar encontrar o legado que nos deixaram em sua longa trajetória de três séculos. Como o judaísmo não está ligado exclusivamente ao domínio do sagrado, mas transborda além de seus limites religiosos, seus componentes são muitas vezes puramente profanos. Marranos deixaram no Brasil uma literatura, uma arte, uma política, uma economia que não foram ainda devidamente estudadas.<sup>14</sup>

## **Referências**

Alberti, Verena. Fontes orais: **Histórias dentro da História**. IN: Fontes históricas. Carla Bassanezi Pinsky (org.). 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil, 1989.

Araújo, Odair José Torres de. **Secularização e efervescência religiosa: contrastes da modernidade**. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA: Campinas, 2003.

BARBOSA, Luis Alberto. **Resistência cultural dos judeus no Brasil**. Dissertação de mestrado em Ciência da Religião. Orientador: Dr. Valmor da Silva. Goiás, 2006.

BEZERRA, Felte. **Etnias Sergipanas: Contribuição ao seu Estudo**. 1ª Reedição. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 1984.

CIDADE, Rodrigo Ramos Amaral. **Direito e Inquisição, o processo funcional do Tribunal do Santo Ofício**. 5ª ed. Curitiba: Juruá, 2009.

DURKHEIM, Émile, **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 2008.

EYMERICH, Nicolau. **Manual dos inquisidores**. Trad. Maria José Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos: Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília, 1993.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **A Inquisição em Sergipe: do século XVI ao XIX**. Aracaju: Sercore Artes Gráficas, 1989.

NOVINSKY, Anita Waingort. **A inquisição**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cristãos-novos na Bahia: 1624 – 1654**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.

\_\_\_\_\_. **Inquisição, prisioneiros do Brasil** (séculos XVI a XIX). 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

<sup>14</sup> Disponível em [http://www.tropicologia.org.br/conferencia/2001nova\\_historiografia.html](http://www.tropicologia.org.br/conferencia/2001nova_historiografia.html). Acesso em 12/12/2007.



**ANALIS ELETRÔNICOS**  
**1ª EDIÇÃO**  
**SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS**  
**CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA**

\_\_\_\_\_. **Inquisição, Rol dos Culpados. Fontes para a História do Brasil do séc. XVIII.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial I.** 2ª ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

OMEGNA, Nelson. **Diabolização dos Judeus: Martírio e presença dos Sefardins no Brasil Colonial.** Rio de Janeiro: Record, 1969.

ROTH, Cecil. **História dos Marranos.** Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.

SALVADOR, José Gonçalves. **Os Cristãos – Novos: povoamento e colonização do solo brasileiro, 1530-1680.** São Paulo: Pioneira, 1976.

SILVA, Marcos. **Aspectos fundamentais para o estudo do marranismo.** Disponível em: <http://marranismo.sites.uol.com.br/index.htm>. Acesso em 13/05/2008.

\_\_\_\_\_ e BISPO, Ísis Carolina Garcia. **Enigmas do Passado do Nordeste Brasileiro e Sua Exemplar Presença na História de Cedro de São João, SE.** Simpósio Nacional de História (25.: 2009: Fortaleza, CE). Anais do XXV Simpósio Nacional de História: Por uma est(ética) da beleza na História. – Fortaleza: ANPUH, 2009. ISSN: 2176-2155. 1CD-Rom; color 1. História – Congresso. I. ANPUH. I. Título.

\_\_\_\_\_. **Retorno ao Judaísmo no Nordeste Brasileiro: O caso dos marranos potiguares.** In: X Simpósio da Associação Brasileira da História das Religiões Migrações e Imigrações das Religiões, 2008, Assis, SP. X Simpósio anual da ABHR: Completos, 2008.

SOBREIRA, Caesar. **Nordeste semita. Ensaio sobre um certo Nordeste que em Gilberto Freyre também é semita.** São Paulo: Global, 2010.

WIZNITZR, Arnold. **Os judeus no Brasil Colonial.** Olivia Krahenbuhl (trad.). São Paulo: Pioneira, 1966.